

Fernando Pessoa e a “algibeira vazia”

estudo imagético do poema *Aniversário*

p. 108 - 115

Aline Carla Dalmutt (Unicentro)

Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo (Unicentro)

Resumo

É no tema da infância que Fernando Pessoa mais revela a gênese do seu processo heteronímico, identificador maior de sua obra poética. É em Álvaro de Campos, o heterônimo que mais explora esse tema, a sua manifestação do sentir mais intensamente, a saudade da sua infância. O poema “Aniversário”, escrito em 1929, será o nosso objeto de estudo, para ilustrar a fase do “engenheiro aposentado”, detectando e analisando a sua composição imagética ao fazer uma comparação entre o passado feliz e o presente melancólico.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Infância; “Aniversário”.

Abstract

It is in the theme of childhood that Fernando Pessoa most reveals the genesis of his heteronymic process, the higher identifier of his poetic work. It is in Alvaro de Campos, the heteronomous that most explores this theme, its deeper manifestation of missing his childhood. The poem “Aniversário” written in 1929, will be our object of study, to illustrate the stages of a “retired engineer” by detecting and analyzing its imagery composition by making a comparison between the happy past and the melancholy present.

Keywords: Fernando Pessoa; Alvaro de Campos; Childhood; “Aniversário”.

1. “No tempo em que festejam o dia dos meus anos, eu era feliz...”

Fernando Pessoa é o poeta da pluralidade. Pelo uso da infinidade de linguagens que utilizou nos seus escritos, podemos tomar a opção de perseguir a multiplicidade possível que suas leituras suscitam. Poderíamos atribuir aos textos poéticos de Pessoa o que Roland Barthes escreve do “texto ideal” que seria “a imagem de um plural triunfante”:

a ele se acede por várias entradas, de que nenhuma pode com segurança ser declarada principal; os códigos que ele mobiliza

sucedem-se a perder de vista,(..) desse texto absolutamente plural podem os sistemas de sentido apoderar-se, mas o seu número não é nunca fechado, tendo por medida o infinito da linguagem. (BARTHES *apud* SEABRA 1988:242).

Sedutora, até mesmo irresistível, a poesia de Pessoa nos obriga a enveredar pela via estreita das dificuldades, mas que vai se alargando e amplificando quanto mais nos aprofundamos. Mas, se a linguagem é “a casa do ser” de que fala Heidegger, podemos dizer que a poesia de Pessoa abre infinitamente essa casa, “estilhaçando-a”.

Por ser vário, estrangeiro a si mesmo, exilado – infinitamente outro – como Pessoa se

descreve na sua poesia, nós leitores incipientes da sua poesia somente podemos projetar alguns olhares sobre esses poemas que assim se refletem, numa sucessão de imagens e de miragens, como no jogo de espelhos paralelos que o poeta atribuía ao seu ser. Lançamos, portanto, um olhar sobre o seu poema “Aniversário”, do heterônimo Álvaro de Campos.

É próprio do homem guardar na memória o seu tempo de infância. Muitos conservam-na com maior intensidade, outros pouco recordam, mas para quase todos, aquele momento é marcado de lembranças inesquecíveis. São nesse período da vida em que se situam as melhores brincadeiras, os mais gostosos doces, as mais lindas cores, as melhores amizades, os momentos mais fantásticos junto à família, a ingenuidade e a impetuosidade típica das crianças. Dessa forma, a infância é um universo extremamente importante, pois é uma época repleta de felicidade. A infância, para Pessoa, “é a possibilidade do bem, da unidade, da inconsciência, da verdade. (...) A violência desse sentimento é tanta que pode ultrapassar o disfarce estético, o “fingimento” e deixar a vida a descoberto, regada de lágrimas verdadeiras”. (GOMES 2005:290).

Foi no heterônimo Álvaro de Campos que Fernando Pessoa depositou todo o sentimento de tristeza, melancolia e saudade, principalmente da infância. Álvaro de Campos é o filho de Pessoa configurado “biograficamente” como engenheiro naval e viajante, vanguardista e cosmopolita, espelhando-se este seu perfil particularmente nos poemas em que exalta, em tom futurista, a civilização moderna e os valores do progresso. Campos se inscreve como o poeta das sensações, trabalhando o processo de subjetivação da objetividade, pelo qual a atitude sensitiva antecede à intelectual “de modo que vê a sensação subjetivamente”. (PESSOA *apud* QUESADO 1976:99).

Por trabalhar com a inteligência da emoção, já que a base de toda a arte é a sensação, este heterônimo não pensa, mas sente e sentir dói. Conforme Moisés afirma “pensar é uma espécie de fatalidade, algo que o acompanha e atormenta desde sempre, sem cessar”, por isso, seu lema é “sentir tudo de todas as maneiras”.

A vida de Campos foi elaborada com um início e um fim, pois Pessoa previu para essa máscara uma “evolução”. De acordo com Teresa Rita Lopes pode-se considerar que Álvaro de Campos é constituído por duas grandes épocas:

A.C. e D. C... – quero dizer, Antes de Caieiro, a do “Poeta Decadente” (1913-14) e Depois de Caieiro... Dentro da segunda, considereirei três fases: a das “grandes odes” do início, do “Engenheiro Sensacionista” (1914-23), com seu amplo fôlego, em seguida a do “Engenheiro Metafísico” (1923-30), já incapaz de se atordoar, como o Sensacionista, com o lá-fora da vida, às voltas na cama da sua insônia de ser; e a do “Engenheiro Aposentado” (1931-35), o Campos envelhecendo, de ímpeto e passo cada vez mais curto, mais desencantado”. (LOPES 1997:17).

A fase de Campos que podemos chamar de decadentista, ou conforme Teresa Rita Lopes, do “Poeta Decadente”, é o momento em que Campos irá se revelar com sentimentos de tédio, enfado, náusea, cansaço, abatimento e necessidade de novas sensações. A necessidade de fuga à monotonia é o reflexo desta falta de um sentido para a vida. Um dos poemas mais exemplificativos desta fase é o “Opiário”, escrito por Fernando Pessoa em 1915 para o primeiro número do *Orpheu*, todavia, datado de Março de 1914. Nesta fase, Campos se exprime num verso ainda obediente ao metro e a rima, embora com voluntárias e displicentes dissonâncias.

A fase “Depois de Caieiro” irá corresponder ao resto da vida de Campos e do seu criador. Nesta segunda fase têm-se três grandes momentos: do “Engenheiro Sensacionista”, em que o encontro com o “Mestre Caieiro” acordou (inicialmente) no poeta decadentista. A poesia agora é repleta

de vitalidade, manifestando a preferência pelo ar livre e pelo belo feroz que virá contrariar a concepção aristotélica de belo. O ideal futurista de Campos é distanciar-se do passado para exaltar a necessidade de uma nova vida futura, em que se tenha a consciência da sensação de poder e do triunfo. O “Engenheiro Metafísico”, afastando-se cada vez mais da lição do Mestre vai perdendo o ritmo e o ímpeto das anteriores experiências. Revela-se inquieto e frustrado por não conseguir seguir os preceitos de Caeiro. No poema que se inicia pelo verso “Mestre, meu mestre querido”, dialoga com o poeta, revelando toda a sua angústia: “Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade / Meu coração não aprendeu nada / (...) / A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.

Por último, a partir de 1931 até ao fim da obra-vida (1935), encontramos o “Engenheiro Aposentado”, entediado com a vida comum e as pequenas preocupações do cotidiano, abandona o emprego para se dedicar à “inatividade”, ou seja, para se refugiar numa sucessão interminável de divagações, de recolhimento e lembranças.

É nesta fase que também pode ser chamada como “pessimista” ou “depressiva”, em que os temas abordados recorrem a sua desilusão com a vida, pelo cansaço e pela melancolia perante a incapacidade de realizar os seus projetos, pela amargura e a lembrança de um passado para onde nunca mais poderá regressar. O passado, que avulta como tempo feliz, tempo da alegria, da vida plena partilhada com a família. Surge então a Campos a pergunta: O que tenho sido? E o resultado do retrospecto é invariavelmente negativo, pois depois das grandes aventuras sensacionistas e heróicas surge a depressão, os tópicos de irrealização e da morte, a consciência da solidão e o desencanto com o mundo e com a vida. O próprio Campos demonstra esta consciência da solidão “Estou só, só como ninguém ainda esteve/ Oco dentro de

mim, sem depois nem antes”

Este heterônimo romântico, emocional e afeiçoado à modernidade, criador do “sensacionismo”, cai em profunda depressão, tem grande tendência para a tristeza e a saudade da infância.

Embora Pessoa conseguisse abandonar os limites da sua consciência para analisar-se e expressar-se como “outros”, ainda não consegue anular-se completamente, porque o sentimento expressado pelo poeta é aquele que, em algum momento, ele deveras sentiu. No seu heterônimo Álvaro de Campos, principalmente no final da sua caminhada, encontra-se a intensificação da saudade de uma infância simbólica e mítica que se afigura como o *ideal perdido*. Dessa maneira, a infância de Campos é verdadeira, ou seja, é a do próprio Pessoa.

2. “E a alegria de todos, e a minha, estava certa...”

O poema “Aniversário”, escrito em 1929 por Álvaro de Campos, insere-se na sua última fase, a do “Engenheiro Aposentado”, de poemas pessimistas e desiludidos. É um poema da maturidade de Pessoa, afinal foi produzido no dia que o próprio Pessoa fazia aniversário, completando 41 anos, a forma de expressão mais adequada que Pessoa encontrou para traduzir toda a tragicidade da sua vida de adulto.

Aniversário

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de
[há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma
[religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa
[nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por
[mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter
[esperanças.

Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da
[vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor
[do fim da casa,

Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram
[treme através das minhas
lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um
[fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de
[manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega
[para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores
[desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas o
[resto na sombra debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por
[minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na
[algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

“Aniversário” é um poema de recordação dolorosa da infância: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz e ninguém estava morto”. Campos parece referir-se aos anos da infância de Pessoa, em que literalmente “ninguém estava morto”, o seu próprio pai ainda o acompanhava. Nesse “tempo”, festejar os anos era ainda uma festa inocente e feliz, pois para Pessoa o fato de ser infância é sempre sinônimo de pureza e felicidade, período da vida em que

pode existir o bem. É a fase em que ainda existem mistérios, medos, fantasias, e beleza, fase esta que o ser humano acredita em um mundo cheio de sonhos e “colorido” onde tudo pode acontecer. E as pessoas, os pais, as tias velhas, os primos diferentes e amigos que constituem este universo são amáveis, essenciais e imortais. Na verdade, só naquele momento era possível ser feliz, pois ainda existia a magia da vida.

Com o decorrer do tempo, o homem passa a viver em sociedade, integrando com um conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si e que moldam o ser humano, impunemente. Este caráter de aniquilamento oriundo da sociedade convencional também pode ser visto no “Poema em linha reta”, de Campos, onde totalmente baseado na ironia diz: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada. / Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo (...)”. O poeta está indignado com esta pseudo-perfeição, pois como ele ironiza: “Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo”. Na verdade ele se declara o único diferente, já que para ele a vida não é assim; ao contrário, ela é torta porque é feita de vitórias e derrotas, de parasitismo e produtividade, de sujeira e higiene, de impaciência e paciência, enfim, de defeitos e qualidades, de características positivas e negativas que formam pólos opostos. Para ele, a vida é esse antagonismo e, se fôssemos traçá-lo no plano gráfico, não seria em *linha reta*. Mas o poeta não encontra ninguém que, como ele, admita a existência dessa forma, por isso ele é parasita, indesculpavelmente sujo, ridículo, absurdo, ordinário, desprezível, vil.

Desta maneira, o que o poeta faz uma denúncia à sociedade hipócrita, pois a sujeira é jogada sob o tapete e as pessoas seguem na falsidade de uma sociedade com seus dogmas. Não há sofrendores, somente vitoriosos. “Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez

foi vil?”. A sociedade emudece sobre os seus erros e declara as suas virtudes, assim no poema “em linha reta” o eu-lírico faz o leitor perceber que as afirmações negativas sobre sua personalidade são ditas pela sociedade, e não pelo poeta.

3. “O que sou hoje é terem vendido a casa, É terem morrido todos...”

A saudade que Pessoa sente do tempo em que era puro jamais será recuperada, daquela época caracterizada pela despreocupada inocência, pelo alheamento absoluto acerca do que se passava à sua volta. Afinal depois que o indivíduo torna-se adulto possivelmente terá influências que lhe tirarão a inocência. Desta forma, este tempo da infância é simultaneamente um tempo perdido, porque as crianças não sabem que são felizes, nas palavras do poeta, as crianças têm “a grande saúde de não perceber coisa nenhuma”. Assim, só mais tarde quando recordam daquele tempo, perceberão a alegria e a importância de todo aquele universo, pois tudo aquilo se perdeu. Nos versos

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor
[do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram
[treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um
[fósforo frio...

O Pessoa de hoje tem uma grande desilusão, pois a infância perdeu-se para nunca mais regressar igual, e *hoje* nada mais é que um imenso e doloroso vazio, pois até o bolor no corredor do fim da casa já não pode ser, pois venderam a casa, tiraram-lhe o seu “porto seguro”.

Na sua família todos morreram, ele é um solitário que agora sobrevive como “um fósforo frio”, ou seja, sem função, abandonado, sem utilidade. Queria reviver ao menos um instante aquele momento, quando diz: “Comer o passado

com pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!”, bastaria só o passado para ter felicidade, mais nada seria necessário, nenhum acréscimo, nem “manteiga”.

O poeta tenta substituir o presente sombrio pelo passado venturoso, rejeitando o presente “Hoje já não faço anos / Duro/ Somam-se-me dias”. Atualmente ele é apenas o sobrevivente triste de si mesmo, um solitário ser humano, envelhecido, amargurado, vivendo das memórias do que já não é, do que já não tem. Neste caso, o presente é como um tempo degradado, de ausência, de perda, de afitivo vazio, agonia e solidão, um tempo que já perdeu o sentido e desconhece a alegria.

4. “Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”

O poema “Aniversário” traz um conjunto de imagens que retratam o espaço da memória por inteiro, tão significativas, porque, afinal:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O consciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. (BACHELARD 1993:29).

As imagens possuem um grande valor, pois imaginamos e criamos em torno delas uma representação que fica gravada na memória. Quando olhamos ou lembramos tal imagem, aquilo que projetamos sobre ela é o que permanece.

As imagens têm sempre uma história e uma pré-história, elas sempre são lembranças e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca coisas particulares. (BACHELARD 1993:50).

Quando se pensa naquilo que pertence ao passado, nossa imaginação fabrica uma imagem, pois aquilo que se tinha não se tem mais, sobrando

apenas a lembrança. Dessa maneira, aquilo que pertence ao passado é glorioso, muitas vezes, pode nem ter sido tão bom, porém agora não existe mais e o que se tem não é o mesmo. Em vista disso, o real é idealizado, pois as imagens mentais são fabricadas tornando-se falsas imagens ou metáforas.

As verdadeiras imagens são gravuras. A imaginação grava-as em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação. (BACHELARD 1993:49).

A imagem primitiva, no caso do poema a “casa antiga”, é a maior força de integração para os pensamentos e para os sonhos, é o centro de fixação das lembranças que permaneceram na memória. A casa é o nosso canto do mundo, o nosso primeiro universo. Segundo Bachelard, “as casas vivem em nós para sempre!” (1993:70), pois elas são maior força de integração para os pensamentos, lembranças e sonhos e guardam os tesouros dos dias antigos, a casa mantém a infância imóvel.

A casa-ninho é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. (BACHELARD 1993:111).

No início do poema já se verifica a importância desta “casa-ninho” quando “Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos, /E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.” Recorrendo a imagens da sua “casa antiga”, a da primeira infância de Pessoa, até os sete anos, repartindo-se basicamente entre o quarto andar do Largo de S. Carlos e o terceiro andar da Rua de S. Marçal, em Lisboa, é sempre esta “casa antiga” da primeira infância que é mencionada nas suas evocações poéticas, sendo a única capaz de possuir carinhos

e felicidade. Contudo, poderíamos nos perguntar por que não é a casa da segunda infância, sendo que a partir desta “casa antiga”, segundo os seus biógrafos, Pessoa habitou outras 22 casas diferentes?

O fato é que o segundo período da infância é aquele que se seguiu à morte do pai, o súbito empobrecimento da família, o agravamento da loucura da avó, a mudança para outra casa mais pobre e mal situada, a venda do recheio da antiga casa, a morte do irmãozinho Jorge, o segundo casamento da mãe e a partida de Lisboa para África do Sul, entre outros episódios. Assim, com todos esses fatores, é pouco plausível que Pessoa tenha guardado deste tempo tão viva saudade.

O tempo saudoso para ele é aquele que permanece constantemente imortal o pai, a mãe, as tias, as criadas, os primos, todos os amigos, os serões de música e festa e, sobretudo, a sua infância integral. Também nesse tempo são imutáveis os espaços, as casas que habitou, as paisagens e os objetos.

Quando o poeta pensa na “casa antiga”, sua imaginação exige que ele viva diretamente essas imagens, e, no decorrer do poema, teremos um sucessão de imagens que serão lembradas, de valor verdadeiramente significativo e íntimo. Visto que “Se a casa é um valor vivo, é preciso que ela integre uma irrealidade. É preciso que todos os valores tremam. Um valor que não treme é um valor morto” (BACHELARD 1993:73). Os valores da “casa-ninho” para Pessoa estão implícitos no poema de tal forma que demonstra a tamanha afeição por todo aquele espaço.

É preciso amar o espaço para descrevê-lo tão minuciosamente como se nele houvesse moléculas de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula de desenho. (BACHELARD 1993:167).

É possível contemplar esta descrição minuciosa quando objetos simples são retratados: “(...) A mesa posta com mais lugares, com

melhores desenhos na loiça, com mais copos, /
O aparador com muitas coisas — doces, frutas o
resto na sombra debaixo do alçado — (...)”

Todos esses objetos significam o que havia de mais belo, agradável e íntimo. Conforme Bachelard, “Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade” (1993:91). A mesa é um dos símbolos de união e comunhão familiar. “A mesa posta com mais lugares”, reflete que nesta mesa as pessoas mais queridas da família aos amigos unem-se ao redor dela para compartilhar momentos de alegria. Assim ele retrata o “aniversário”.

O espaço interior do velho aparador e suas prateleiras plenas do que há de mais prodigioso também é um espaço profundo. É um espaço que não se abre para qualquer um, um espaço de intimidade exclusiva.

No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. A ordem não é simplesmente geométrica. A ordem recorda nele a história da família. (BACHELARD 1993:92).

Na verdade, o armário é o centro de fixação das lembranças, se voltarmos à terra da vida tranquila. “O armário está cheio do tumulto mudo das lembranças”. (MILÓSZ: 217 *apud* BACHELARD 1993:92). Quando se trata do armário repleto de muitas coisas têm-se um dos mais antigos símbolos de riqueza, abundância e prosperidade. “O aparador com muitas coisas – doces, frutas o resto na sombra debaixo do alçado -,”. Os doces são um forte símbolo de energia, suas cores coloridas representam a vitalidade. As frutas e ainda “o resto na sombra debaixo do alçado” manifestam a fartura existente. As frutas são

Símbolo de abundância, que transborda da cornucópia da deusa da fecundidade ou das

taças nos banquetes dos deuses. Em razão dos grãos que contém, Guénon comparou o fruto ao ovo do mundo do símbolo das origens. (CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 2007:453).

Neste cenário, não se pode esquecer o valor atribuído à presença da família. “As tias velhas, os primos” estavam ali porque o amavam e queriam estar junto dele em um momento de tamanha felicidade como a data do “Aniversário”, dando-lhe afeto e alegria. “e tudo era por [minha] sua causa”.

Contudo, observa-se um contraste entre os objetos que Pessoa traz da infância e aquilo que ele coloca no presente. Outrora, repleto de vida e com cores radiantes, Pessoa atribui ao presente aquilo que representa a falta de vida. “O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa, /Pondo gelado nas paredes...”. O presente para ele não tem valor, tem aspecto ruim e cores opacas. O hoje não é nada, é apenas um bolor num canto da casa, é aquilo que nem se percebe, e se é apagado.

Por meio de uma simbologia detalhada, Pessoa relembra o cenário da infância, chora a carência de amor e lamenta a solidão em que vive agora. Sente-se com raiva por “não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”, o único tempo feliz. Pessoa não se cansa de exprimir inúmeras vezes “O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...”.

Conclusão

Pessoa constrói uma imagem da infância que estabelece uma ligação cooperativa entre o real e o irreal. Assim, a representação criada assume a conotação de tempo maravilhoso, de vida perfeita e absoluta, uma verdadeira metáfora do paraíso, onde o real é substituído pelo ideal.

Afinal, nem tudo era perfeito e único; no entanto, a imagem criada no imaginário de Pessoa alcança essa perfeição, por nada daquilo agora

existir. Assim aquele momento nada mais é que uma imagem mental. “A memória distante não se lembra das imagens senão dando-lhes um valor, uma auréola de felicidade”. (BACHELARD 1993:72). Desse modo, construído pela memória, o poeta substitui o presente real - “o que há aqui...” - por um imaginário ideal. Todo o espaço que nos é apresentado no poema, mesmo que não seja completamente real, possui imagens de real significação. “Dar seu espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço que aquele que ele tem objetivamente, é seguir a expansão de seu espaço íntimo”. (BACHELARD 1993:206).

A infância de Pessoa volta sempre em sua poesia, com imagens coloridas, com música, dolorosamente rememorada: “Uma ternura confusa, como vidro embaciado, azulada, /Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida”. (PESSOA 1990:329). Todo esse afeto contido retorna e transborda numa angústia, quase numa dor física que se expressa em queixa: “*Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!*... Essa imagem forma ramificações, associações insuspeitadas, não sugeridas, não ditas. Por quê Pessoa/Campos se serve dessa metáfora?

A *algibeira* era um bolso que fazia parte integrante da roupa, ou pequeno saquinho que as mulheres prendiam à cintura, em geral por baixo dos vestidos ou aventais. Uma algibeira servia para guardar aquilo que se queria ter à mão a qualquer momento. Por ser pequena, cabia nela apenas algo que fosse de extrema necessidade, somente o indispensável. Hoje, a pequena algibeira foi substituída pelas bolsas, mochilas... onde se guarda até o supérfluo. Mas a algibeira antiga servia para guardar o essencial. No caso de Pessoa, a felicidade cabia ali. Hoje, a mágoa é que está vazia... a algibeira imaginária – o vazio dentro do vazio. O ser sozinho de hoje clama pela infância perdida, lamentando-se da sua falha de não a ter trazido na algibeira das calças, cristalizada, rememorada,

revisitada. Mas o poeta também se esqueceu que o menino que foi não precisava de algibeira, quando *era feliz e ninguém estava morto...*

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993

BRÈCHON, R. **Fernando Pessoa, Estranho Estrangeiro**. Uma biografia. Rio de Janeiro, Editora Record, 1998

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007

GOMES, N. **O sonho e a máscara. Antero de Quental e Fernando Pessoa**. São Paulo, Ed. Scortecci, 2005

LOPES, T. R. **Álvaro de Campos: Livro de Versos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997

PESSOA, F. **Obra Poética/Obra em Prosa**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1990

QUESADO, J. **O constelado Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976

SEABRA, J. A. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988

Artigo enviado em: 17/02/2011

Aceite em: 22/06/2011